

O ARQUIVO DO ESCRITOR LIMA BARRETO NA BIBLIOTECA NACIONAL – A REVELAÇÃO DOS INÉDITOS SOBRE A ESCRAVIDÃO NO BRASIL¹

Cristiano Mello de Oliveira

Doutorando na Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: literariocris@hotmail.com

Resumo: Os manuscritos sobre a escravidão no Brasil do escritor Lima Barreto revelam profundas relações com o contexto histórico da época, assim como evidenciam distintas formas da valorização de possíveis desdobramentos na fatura literária do autor. O presente artigo aborda a pesquisa empreendida em julho/2011 no arquivo do escritor Lima Barreto na Biblioteca Nacional. Aborda reflexões sobre a importância da obra barretiana ainda inédita que resta na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional. Utiliza-se o método da interpretação e reflexão. O cunho científico deste breve artigo está diretamente associado a levantar novas contribuições para a importância da revelação desses manuscritos para a comunidade acadêmica e para o acervo cultural de Lima Barreto.

Palavras-chave: Lima Barreto. Escravidão. Literatura. Arquivo. Manuscritos. Crítica Genética.

1 ALGUNS PRESSUPOSTOS

A presente investigação centrou-se em averiguar os principais documentos e rascunhos literários inéditos do escritor Lima Barreto, na Seção de Manuscritos, da Biblioteca Nacional. Postulamos no decorrer dessa pesquisa investigativa que tais manuscritos são extremamente válidos para uma reatualização de sua obra e do seu pensamento, tendo em vista que muitas dessas fontes primárias ofertam uma ampla gama de possibilidades para uma arguta análise da mescla subjetivada entre os variados mecanismos de enredo, cenários, ação, trama e personagens, assim como as circunstâncias históricas em que Lima estava envolvido. Sobretudo, buscou-se levantar os principais teóricos que serviram como pressupostos na dualidade Literatura e crítica

genética estabelecida nas últimas décadas, época reconhecida em maior grau pela expansão de tais estudos. Sob essa ótica, conjectura-se que tal publicação desses inéditos poderá contribuir e ser válida para alavancar novas discussões investigativas e, conseqüentemente, novos apreciadores da prosa do romancista carioca, assim como um possível desvendamento por parte dos mais interessados no assunto.

A preferência dessa temática (Literatura e crítica genética nos manuscritos de Lima Barreto) baseou-se na relevância dos desdobramentos da reatualização dos seus escritos, visando compreender os elementos inéditos e de conjugá-los de maneira analítica durante o desenvolvimento de nossa leitura, ou seja, as tiras manuscritas sobre a escravidão no Brasil que iremos transcrever adiante foram arquivadas e tiveram pouco contato por parte dos pesquisadores. É sabido que os pesquisadores Francisco de Assis Barbosa (2002) Beatriz Resende (2004), e por último Lilian Moritz Schwarcz (2010) foram responsáveis por investigarem esses materiais permitindo a outros pesquisadores o estudo desses manuscritos do romancista carioca; no entanto, ainda restam muitas fontes primárias a serem desvendadas, conforme pesquisa realizada em julho de 2011, especificamente suas cartas e documentos.ⁱⁱ Em outras palavras, voltando o nosso olhar para esses materiais que investigamos, dentro dessa pesquisa específica, estaríamos disposto a encorajar nossos estudos e alavancar novas atualizações através desses inéditos.

É difícil escapar à tentação de esmiuçar os escritos de Lima Barreto, o qual, possuidor de uma imbatível retórica militante e de um estilo um tanto de caráter social, mesmo no desempenho frenético de ser cronista de jornal de época, sabia fígar novos leitores e compor a sua ficção em plena República Velha. Podemos crer, quando o assunto é levantar alusões às obras lidas e consultadas, Lima atinge um grau bastante satisfatório, tendo em vista as variadas fontes que embeveceu o seu discurso romanesco. O escritor carioca era frequentador assíduo da Biblioteca Nacional e um contumaz leitor dos compêndios universais de Filosofia, História Universal e Literatura. Não foi à toa que o seu

último e póstumo livro, *Diário no Hospício*, recebeu fortes influências e correlações da obra *Recordações da Casa dos Mortos*, do escritor russo Theodor Dostoievski.ⁱⁱⁱ E resta destacar, que Lima foi uma espécie de intelectual autodidata e canalizador de muitos projetos culturais (linguagem suburbana, estilo caricato e cômico, entre outros) que antecipou muito daquilo que outros escritores confeccionaram posteriormente nos seus romances.

Focalizando o meio familiar do escritor carioca, tem-se, pelas confissões e depoimentos de remanescentes de época e que conseqüentemente ficou comprovada através de suas cartas, a ambiência de compreensão até mesmo por parte de seu pai, de encarar a abolição da escravatura em plena Quinta da Boa Vista. Exemplo disso? Não foi à toa que na crônica “Maio”^{iv}, o escritor discorre em tom bem realístico um dos maiores impasses da História Brasileira, descrevendo os liames e os detalhes daquele episódio a que assistiu com o seu grandioso pai. Lima escreveu uma série de crônicas que relatam e manuseiam muito bem os fatos históricos em torno das temáticas da abolição da escravatura^v. Apenas focando o nosso olhar para a chave de leitura “13 de maio”, iremos encontrar um conjunto de comentários alusivos ao contexto histórico da própria época que Lima Barreto soube, como nenhum escritor, articular e manusear.

Indubitavelmente, é certo que o escritor Lima Barreto tenha sofrido na pele um exagerado grau de racismo e afastamento das elites intelectuais de época. Racismo e pobreza foram os dois principais vocábulos que cercaram o seu árduo cotidiano no mundo das letras e da sua fiel missão de “queimar os seus navios”^{vi} (a carga semântica dessa tradicional frase utilizada por Lima remete a expressar a sua paixão pelo ofício de ser escritor, da própria literatura e condiciona a um olhar mais confiante e poder ser enriquecida de diversas outras formas e significados). Lutar na condição de mulato desamparado e residir no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro foram fatores discriminatórios que provocaram a falta de credibilidade nos seus escritos enquanto estava vivo.

O escritor Lima Barreto era contra qualquer cultura de privilégios a todos os tipos de pessoas. Inclusive, cabe aqui se relatar, a existência, da sua parte, desde o começo de sua carreira uma perseguição aos doutores. Demasiadamente o escritor carioca evoca essa questão, que fica mais notório em suas crônicas publicadas em jornais e no seu Diário Íntimo. “Para a massa total dos brasileiros, o doutor é mais inteligente do que outro qualquer, e só ele é inteligente; é sábio [...]”, (BARRETO, 2010, p. 30) ressalta Lima. É notável verificarmos ao longo de seus trabalhos certa aversão para aquilo que chegava do exterior, assim como a cultura letrada, baseada nos moldes da universidade. Na mentalidade de Lima, o nosso Brasil deveria ser uma nação justa sob vários desses aspectos, e, para continuar exercendo o seu ofício com destreza, precisaria fazer da sua arte literária uma espécie de militância e denúncia social sobre os variados problemas que observava nas elites cariocas.

Longe do chauvinismo literário pregado pelos “almofadinhas da Literatura”, Lima combateu seus árduos escritos, cobertos de irreverência popular e erros de gramática, para perpetuar em um horizonte de defesa a seu grandioso desejo: fazer da Literatura uma profissão digna. Na mobilidade de sua criação, Lima também impulsionou novas interpretações para aquilo que escrevia e para aquilo que sairia publicado posteriormente. Ou seja, suas alterações de palavras e expressões ensejam, postas em comparação com o texto definitivo, uma leve certeza de que Lima trabalhava o seu texto como uma atitude ao texto inacabado e imperfeito, sujeito sempre a alterações. Enfim, Lima produziu com sua espontaneidade uma literatura sem precedentes na história de nossa nação, buscando mesclar suas inquietudes e angústias, canalizando-as e projetando-as para permanecer eternamente na memória de nossos escritores e pesquisadores. Certamente, esse tipo de estudo aqui ofertado servirá de ferramenta ou balizamento intelectual para seu acervo bibliográfico científico.

2 O ARQUIVO DE LIMA BARRETO NA BIBLIOTECA NACIONAL

Nos arquivos pessoais da obra barretiana é possível encontrar diversos tipos de manuscritos que abrangem a seguinte forma: esquemas de trabalho, roteiros, distintos tipos de rascunhos, índices, sínteses e resumos, recortes de jornais, recortes de revistas, cartas íntimas, folhas manuscritas e exemplares de seu ofício. Isto é, textos manuscritos com anotações nas margens, entrelinhas e folhas de guarda, rasura a lápis ou a tinta na letra do escritor, reescritos à sua maneira. Assíduo leitor da variedade jornalística existente na época, foi Lima Barreto, possivelmente, o maior guardador de recortes de jornais e que o lia com frequência na sua repartição ou na própria Biblioteca Nacional. Provavelmente, Lima Barreto colecionou uma boa parcela de recortes de revistas e jornais de época para justificar o fundo histórico realista que articulava o cenário nos seus trabalhos literários.^{vii} Dentro dessas coleções, Lima fichou assuntos, multiplicando seus traços, realizando sínteses rápidas, guardando tiras dentro dos seus volumes, adicionando de forma gradativa esquemas e lembretes. O curioso disso tudo é que boa parte desses manuscritos estão em folhas do antigo Ministério da Guerra, e boa parte possui riscos no título da instituição, indicando que Lima escrevia muitas anotações durante o horário de seu expediente. Devemos salientar que a maior parte dessas fontes primárias já está em forma de microfilmes e está sendo digitalizada gradativamente na Biblioteca Nacional. Enfim, a fonte primária da sua produção intelectual está voltada aos principais elementos das muitas habilidades da vida deste notável escritor: jornalista, cronista, romancista e amante da cultura brasileira.

Nesse sentido, esses documentos e manuscritos estão localizados de variadas formas e aspectos: esboços de cartas, tiras, anotações soltas, rascunhos improvisados, entre outros. Em tempos atuais, todos se encontram em pleno estado satisfatório de

conservação, mesmo amarelados e um pouco corroídos, possibilitando assim variadas empreitadas de pesquisas e investigações. Exposta em linhas gerais, essa conjuntura pode ser consultada por aquele pesquisador mais curioso que deseja saber os percalços genéticos e sondar quais foram as principais inquietações intelectuais de Lima Barreto. Todo esse manancial produtivo pode ser encontrado, atualmente, na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, e neles estão contidos pistas e rastros de um escritor que varou distintos episódios históricos e conseguiu observá-los através de suas lentes aguçadas. Gradativamente, a conjuntura dos seus escritos acaba tomando rumo em variadas pesquisas e investigações ao longo de muitos percursos acadêmicos. Lima observou tudo e registrou detalhes como se fosse um grande historiador preocupado com a memória de sua nação. Enfim, esse organismo vivo chamado Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX fez parte da sua história e ficção.

Mas esse contexto histórico, sobretudo nas fases que vivenciou Lima Barreto, está demarcado pelas tradições incrustadas na história oficial de várias instituições, em particular a própria Biblioteca Nacional, onde Lima tanto leu, pesquisou e frequentou. Não foi à toa que também ironizou em forma de crônica aquele próprio espaço e ambiente. “A diretoria da Biblioteca Nacional tem o cuidado de publicar mensalmente a estatística dos leitores que a procuram, das classes de obras que eles consultam e da língua em que as mesmas estão escritas.” [...] “O Estado tem curiosas concepções, e estas a de abrigar uma casa de instrução, destinada aos pobres-diabos, em um palácio intimidador, é das mais curiosas” (BARRETO, 2005, p. 171). Se formos fundo nas concepções estabelecidas por Lima, observamos que elas mesmas são complexas, tendo em vista o forte paradoxo que era a nação brasileira ante o número de leitores naquele período. Curioso seria imaginarmos a grandiosidade de referências adicionais que Lima consegue atingir, sejam elas diretas ou indiretas; certamente, caberia um grandioso estudo de investigação. Mesmo assim, cabe ao leitor

mais informado pela sequência de ironias tentar ao menos imaginar como tudo isso foi confeccionado ou arquitetado para melhor resolução; aliás, são esses fragmentos que melhor resgatam o interesse imaginário.

Sem dúvida, foi por meio desse pano de fundo histórico e documental que o autor de *Policarpo Quaresma* conseguiu observar, através de suas marcas pessoais, todo um roteiro de testemunhos para fins de elaboração da sua obra artística. O contexto histórico-político da República Velha serviu como cenário para formular novos pensamentos e transformá-los em realidades, o que representou com bastante otimismo. Dessa forma, recolheu variados materiais que lhes interessavam e pudessem ser aproveitados para a confecção de suas ficções. Diversos acontecimentos fizeram o cenário de fundo de vários enredos: *Clara dos Anjos*^{viii}, teremos a transformação dos subúrbios; *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*^{ix}, teremos o cenário dos expedientes jornalísticos; *Numa e Ninfa*^x, teremos o palco especulativo e acirrado da política de época; *Vida e obra de M. J. Gonzaga de Sá*^{xi}, teremos o cenário das antigas repartições públicas; enfim, essa tapeçaria romanesca acaba condicionando um olhar mais interrogativo e problemático que visa sondar os possíveis liames históricos que Lima tanto abarcou durante sua carreira literária. Lima conseguiu concatenar toda essa conjuntura buscando ousar o máximo das vertentes referenciais de fim dos oitocentos e início dos novecentos. Portanto, é possível compreender que o escritor Lima Barreto colecionou, por longa data, variados jornais e documentos de época, com a finalidade de reproduzir e arquivar para *posteriori* algo que pudesse reaproveitar em seus escritos.

Lima Barreto articulava seus trabalhos de forma audaciosa e improvisada, possivelmente comandados pelos desejos ou impulsos de ordem mental. Por isso, é comum verificarmos por meio dos seus estudos críticos uma luta constante por parte do escritor carioca pelo próprio ofício de ser um intelectual bem-sucedido ou, ao menos, fazer lograr êxito nas suas obras. Possivelmente, na pena do escritor carioca as palavras

“audaciosa” e “improvisada” tenham significados quase parecidos, designando ora a justiça naquilo que acreditava fazer por meio das palavras, ora sendo capaz de improvisar novos recursos para conseguir terminar seus escritos. Para o criador de *Polícarpo Quaresma*, a redação é sempre um fato inacabado, sujeito a recomposições, mesmo quando em forma de artigos já publicados em jornais. Boa parte de suas redações e esboços são marcados pela atitude frenética da correção e de uma obra sempre aberta a inserções vocabulares e textuais. Por esse motivo, é notório afirmarmos que, mesmo quando o texto já estava publicado, Lima ainda fazia correções buscando verificar naquilo que poderia aperfeiçoar ou ao menos cuidar com as suas imperfeições.

Era no afã e na luta a favor dos curtos e vertiginosos expedientes, enquanto era amanuense de guerra, que Lima reproduziu tudo aquilo que observou e constatou através das suas lembranças. Talvez seja esse o principal mote pelo qual seu dossiê genético é sustentado por diversos percalços improdutivos da própria escrita. As rasuras e rabiscos, abundantes, testemunhos notórios do refundir ao rascunhar ou passar a limpo, acabam definindo diferentes etapas de construção e confecção do texto de Lima Barreto. Nesse sentido, a falta de acabamento dos seus escritos, a redação incompleta em determinadas etapas que a compõem, o preparo das idas e vindas dos raros expedientes ociosos no Ministério da Guerra, o fluxo das fases de criação na pena que correu ou nas raras vezes que usou a máquina que nem sempre remou ao seu favor, as árduas etapas que resolveu fazer uso da gramática ou mesmo a preguiça de consultá-la; enfim, tudo isso valeu pela memória que deixou e é um grandioso acervo de suas maturações intelectuais. E ampliam, portanto, a compreensão da obra de um autor percebendo o desdobramento das suas árduas etapas de um leitor e crítico de Lima Barreto.

Dentro do esboço da escrita do romancista carioca, cabia de tudo na temática das rasuras: setas nas laterais do papel, rabiscos grossos para tampar aquilo que fora escrito erroneamente, substituições de palavras indesejáveis, borrões de palavras à moda

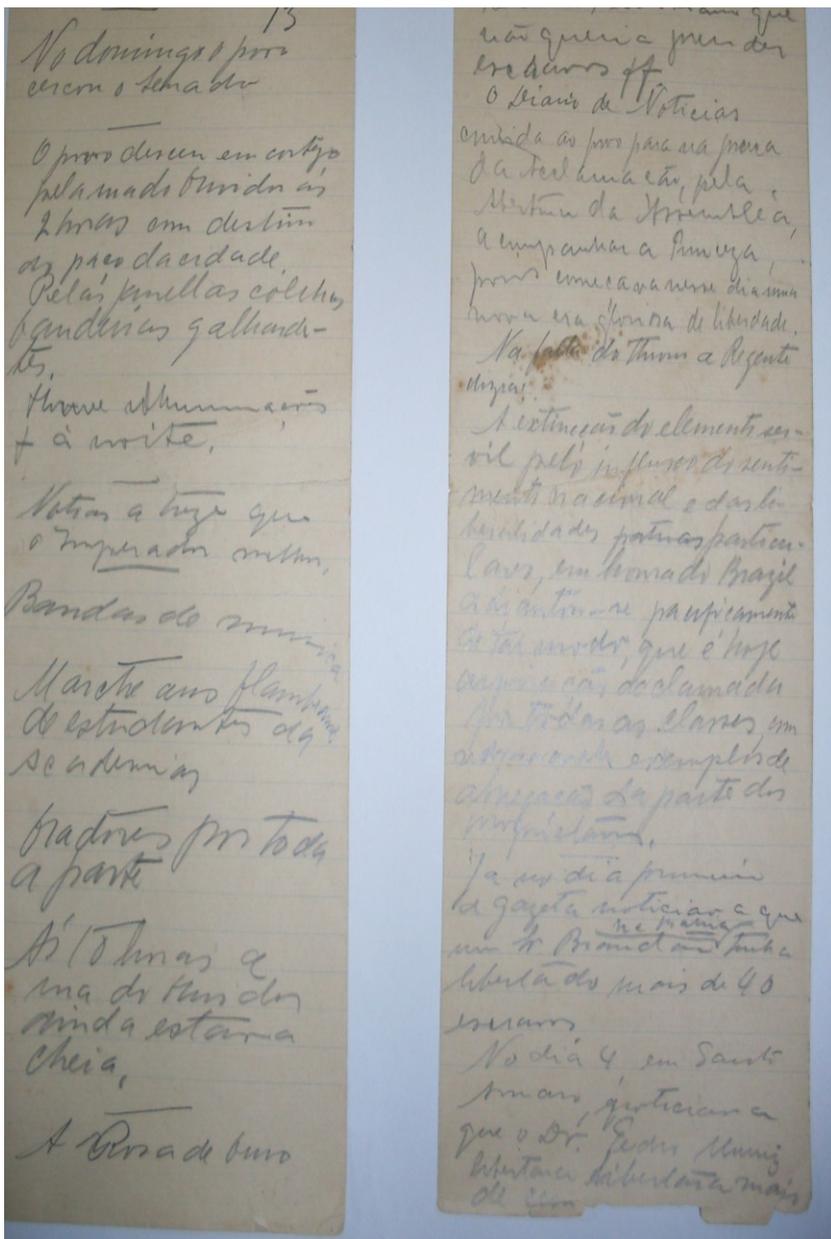
Guimarães Rosa, utilização de sinônimos, trocas de posições vocabulares, expressões mentais momentâneas nos rodapés, signos gráficos nas folhas, possíveis rejeições, lembretes colados nos esboços nas variadas formas, permutas de frases, escolhas léxicas, canais semânticos, uso de pontuação condizente, entre outros. Sobre as rasuras justifica Phillipe Willemart, com toda propriedade: “Cada rasura é signo da intervenção do outro que obriga o escritor a deparar-se com um tesouro de vozes das quais o eco lhe chega através dos rastros das palavras ou o filtro da escritura” (WILLEMART, 1993, p. 94). Dentro da perspectiva desse amálgama genético é necessário verificar a quantidade de andaimes estruturais que permearão a investigação do geneticista. Portanto, são através desses rastros que certamente saberemos os pontos de criação que irão variar de escritor para escritor.^{xii}

Além disso, o escritor carioca vivia numa constante luta com sua própria caligrafia, que, paradoxalmente, considerava o fruto dos seus principais empecilhos. Por essas razões, podemos postular que a letra de Lima é uma combinação nervosa de rapidez, movimento frenético, tentativa de perfeição, enfim, uma série de apetrechos que remam pela dificuldade de fazer algo a favor delas. Sem contar as inúmeras vezes que seus manuscritos foram perdidos ou simplesmente extraviados por parte de seus amigos e editores.^{xiii} Ao escrever dessa forma, podemos supor que Lima não conseguia reescrever pacientemente seus trabalhos artísticos. Tampouco tentaria escrevê-los em uma máquina de escrever para satisfazer suas possíveis deficiências de cunho organizacional. É evidente que isso tudo deixava o escritor carioca ainda mais aflito e perplexo com as queixas dos seus editores. Provavelmente, essa premunção anunciada através desses escritos possa realmente explicar uma falta de organização criteriosa e definição dos assuntos que gostaria de tratar com mais vontade e espontaneidade. Universo que, no âmbito do trabalho de Lima, reúne árdua escolha vocabular, hesitações, permuta de frases e sintagmas lexicais, conectivos, enfim, mudanças de direção e rumo. Com efeito, tudo isso acaba abrindo novas lacunas na sua imaginação, ao tentar absorver novas ideias;

encarar as recriações e reinvenções de vocabulário e caminhos para execução das técnicas de narrativas. Podemos supor, portanto, que o resultado desse processo criativo acabe abarcando o próprio repouso dos originais para uma futura divina inspiração. No entanto, cabe salientar que naquele período, Lima não era adepto à parafernália tecnológica que surgira durante sua vida artística e literária.¹ Esse jogo de ir e vir é que alimentava o prazer ao perfeccionismo de sua obra. Vejamos as palavras de Gilberto Freyre a tal respeito: “A Lima Barreto faltou formação universitária ou seu justo equivalente: o conhecimento que reuniu sobre os assuntos de sua predileção vê-se pelo seu diário íntimo que foi um saber desordenado e como ele próprio boêmio” (FREYRE, 1987, p. 258).

3 ANÁLISE DOS INÉDITOS – MANUSCRITOS SOBRE A ESCRAVIDÃO

¹ Para uma leitura mais aprofundada sobre tal perspectiva, aconselhamos a obra de Flora Sussekind: *Cinematógrafo de Letras*, São Paulo: Cia das Letras, 1990.



Fotografia 1: Originais de Lima Barreto
Fonte: Autor da pesquisa (2012)

TRANSCRIÇÃO² – TÍTULO CRIADO POR LIMA BARRETO: NOTAS SOBRE A ESCRAVIDÃO

PRIMEIRA TIRA

Domingo foi aprovado em terceira discussão no Senado.
No domingo o povo cercou o Senado.
O povo desceu em cortejo pela Rua do Ouvidor às 2 horas em destino ao Paço da Cidade.
Pelas janelas colchas, bandeiras, galhardes.
Houve alvoroços e ações à noite.

Notas à treze que o imperador melhorou.

Bandas de música

Marchas []³de estudantes das academias.

[] por toda a parte
Às 10 horas a rua do Ouvidor ainda estava cheia.
A rosa de []

SEGUNDA TIRA

Na mesma gazeta nesse mesmo artigo
Uma resposta ela fala de um tenente []
que não queria prender escravos
O Diário de Notícias
Convida o povo para na Praça da Aclamação, pela, abertura da
Assembléia

² Salientamos que não temos o interesse aqui de reproduzir os manuscritos, dentro das normas que regem a Paleografia. Embora saibamos que seja necessário, a intenção foi apenas de transcrever sem visar a tal metodologia.

³ Utilizamos os colchetes como fator de lacuna, por motivos de incompreensão do texto.

Acompanhar a princeza, pois começava nesse dia uma nova era gloriosa de liberdade.

Na falta do [] a regente dizia

A extinção do elemento servil pelo influxo do sentimento nacional e das liberalidades particulares, esse honrado Brazil adiantou-se pacificamente de tal modo que é hoje [] [] por todas as classes [] em exemplos de abnegação da parte dos proprietários

Já no primeiro dia da gazeta noticiava o que um Sr. Brandão da Bahia tinha libertado mais de 40 escravos.

No dia 04, em Santo Amaro, noticiava que o Dr. Pedro Muniz [] libertava mais de cem escravos.

FIM DOS MANUSCRITOS/TIRAS

4 BREVE ANÁLISE DAS TIRAS E MANUSCRITOS

Podemos verificar que, ao serem analisados esses manuscritos e algumas tiras de Lima Barreto sobre a escravidão, sente-se à vontade e disposição do próprio romancista carioca de procurar material de cunho informativo e referencial ao qual pudesse criar uma espécie de arquivo para suas futuras consultas e investigações. Como já dissemos em linhas anteriores, Lima tinha o hábito de colecionar recortes de jornais, revistas, gravuras, ter outros que lhe serviriam para preencher suas lacunas referenciais. Percebemos através desses manuscritos que a grafia da Língua Portuguesa nessa época, da antiga reforma, era aquela ainda dedicada aos padrões de Portugal. A letra corrida e apressada já era algo peculiar do próprio escritor.

Por outro lado, ao que tudo indica e evidencia, Lima ousou em buscar todo esse material de forma espontânea, provavelmente com a finalidade de rascunhar/esboçar escritos dentro de um panorama do cotidiano para seu futuro livro sobre a escravidão no Brasil. Sente-se, nesses escritos, a decisão, mas não ainda uma organização mais sistematizada, visando a uma finalidade mais

acabada ou definida esteticamente. Ou seja, Lima teve interesse de procurar saber/conhecer a rotina de notícias e informações sobre os desencadeamentos da escravidão no Brasil e, para isso, foi atrás, tentando ao máximo inventariar progressivamente essas anotações.

Igualmente, como se pode analisar nas circunstâncias físicas de confecção desses dois manuscritos, há evidente predominância de trocas vocabulares e rasuras, indicando que a difícil escolha de palavras ao longo da redação ainda não definitiva foi árdua de se completar. A nosso ver, não chegou a ser uma preocupação, mas uma forma de registrar para futuros trabalhos, como já mencionamos. Logicamente que não poderíamos afirmar com exatidão todas essas circunstâncias intelectuais ou que Lima já manuseasse autores que faziam associações ao racismo ou mesmo o fim da escravidão. No entanto, é possível que já tivesse alguns conhecimentos superficiais sobre tais assuntos, mesmo porque, na sua biblioteca particular, denominada por ele de “Limana”, é possível verificarmos a quantidade de anotações marginais em torno de um amontoado de livros. Portanto, a problemática maior é que a total compreensão dessas anotações somente poderia ser totalmente atingida se levássemos em conta o estudo dos negros que adiante Lima Barreto faria ou apenas esboçaria como aconteceu de fato.

5 ALGUMAS CONCLUSÕES

Declaramos no início desse estudo que Lima Barreto tenha sofrido na pele um exagerado grau de racismo e afastamento das elites intelectuais de época. Ou seja, precisou sempre lutar contra as incumbências predatórias de uma sociedade elitista e segregada daqueles que não tinham adoração pela *cútis mulata* ou negra. É por esse motivo que, nos tempos atuais, é possível identificarmos muitos resquícios dessas confluências e entrelaces de uma “sociedade racista” nas suas respectivas obras. Tentamos, ao longo deste artigo, perfazer essa linha de raciocínio exploratório dos principais rastros e pistas genéticas do romancista Lima Barreto. Outrossim, esboçar algumas reflexões sobre seus

manuscritos, guardados a “sete chaves” na Biblioteca Nacional. Tentamos, aqui, defender a fórmula filosófica, mais radical, de que Lima absorveu as leituras de jornais buscando pesquisas, artefatos da escravidão como fator desencadeante das suas inspirações criativas literárias. Sabemos que seria quase impossível afirmarmos que Lima Barreto endossou todas as suas obras literárias através de um cunho racial de época. Certamente com isso correríamos um grave risco de entrarmos em presunções intelectuais não legitimadas pela academia ou parte dos seus pesquisadores. Embora seja possível afirmarmos que parte dessas tiras examinadas, que exemplificamos, é em grande parte tributária das postulações curiosas a respeito desse tema.

Ampliando, deliberadamente, os limites do tema proposto, nosso objetivo também foi remontar, de forma reflexiva, o arquivo dos seus manuscritos, tido como fontes primárias que fazem parte da memória literária do Brasil do início do século XX. Investigar esse arquivo, localizado na Biblioteca Nacional, significa compreender as principais circunstâncias históricas, sociais e artísticas que envolviam o projeto literário de Lima Barreto. Tais curiosidades e inquietações de pesquisa podem elucidar grandes detalhes sobre o papel do escritor na sociedade daquele período, assim como alavancar novos estudos a esse assunto ainda tão pouco explorado e diagnosticado para futuros trabalhos. Tais sugestões e possíveis direções de leitura procuram fornecer apoio e interpretação para outros contos que o escritor se empenhou em realizar e demonstrar através de uma crítica à própria sociedade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Lima. “*A Biblioteca*”. In: **Contos Reunidos**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.
- BARRETO, Lima. “*Como o Homem Chegou*”. In: **Contos Reunidos**. Belo Horizonte: Crisálida, 2005.
- BARRETO, Lima. “*Miss Edith e seu Tio*”. In: **Feiras e Mafuás**, São Paulo: Mérito, 1953.
- BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.
- BARRETO, Lima. **Diário no Hospício e o Cemitério dos Vivos**. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- BARRETO, Lima. **Vida e Obra de M. J. Gonzaga de Sá**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. **Numa e Ninfa**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.
- BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaias Caminha**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.
- BARRETO, Lima. **Toda Crônica**. Organizado por Beatriz Resende e Raquel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.
- DOSTOIEVSKI, Theodor. **Recordações da Casa dos Mortos**. São Paulo: L&M Pocket, 2009.
- ENTREVISTA concedida ao jornalista José Monteiro. Data 30/09/2010.
- FREYRE, Gilberto. **Vida, Forma e Cor**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- HISTROGILDO, Pereira Silva. **Lima Barreto o Escritor Maldito**. São Paulo: Gráfico, 1976.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. “*Vontade/ Variante*”. In: **II Encontro**

de Edição Crítica e Crítica Genética: Eclosão do Manuscrito.
São Paulo: FFLCH-USP, 1990.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. Telê. Textos, Etapas, Variantes: O Itinerário da Escritura. **Revista Instituto Estudos Brasileiros**, São Paulo: USP, 1990.

MARINS, Álvaro. **Machado e Lima: Da Ironia à Sátira.** Rio de Janeiro: Utópos, 2004.

OAKLEY, R. J. **Lima Barreto e o Destino da Literatura.** São Paulo: Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. **Considerações e Reflexões sobre a Importância do Estudo das Fontes Primárias à Luz do Conto “Miss Edith e seu Tio” de Lima Barreto**, Colóquio de Letras, UNESP, Assis, maio, 2011.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. **Fontes Primárias de Lima Barreto.** Programa UFSC Entrevista concedida ao jornalista José Monteiro. Data 20/08/2011.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. **Fontes Primárias de Lima Barreto.** Programa de divulgação de pesquisas. Colóquio de Letras. Entrevista concedida aos organizadores do evento. UNESP-Assis, maio 2011.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. **Lima Barreto e a Escravidão no Brasil.** Revista Catarina, Lages, n. 38.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. **O arquivo inédito do escritor Lima Barreto na Biblioteca Nacional – uma análise de suas fontes primárias.** Entrevista concedida à Revista História Catarina, Lages, n. 40.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. **Lima Barreto e o Mistério de sua Produção Ficcional.** Jornal Boca do Inferno, Curitiba, n. 26, nov. 2011.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. **Manuscritos de Lima Barreto.** Programa EM TESE. Entrevista concedida a jornalista Thais Camargo. Data 26/08/2010.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. **Os Manuscritos e as Fontes Primárias de Lima Barreto.** Revista Conhecimento Prático de

Língua Portuguesa, São Paulo, n. 33, 2011.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

WILLEMART, Philippe. **Universo da Criação Literária: Crítica Genética, Crítica Pós-moderna?** São Paulo: EDUSP, 1993.

Notas de fim de texto

ⁱ Gostaria de fazer os meus devidos agradecimentos à minha orientadora do mestrado, Prof. Dra. Patrícia Peterle, por enviar o pedido de autorização para tiragem das fotografias na Seção de Manuscritos, da Biblioteca Nacional.

ⁱⁱ Nesta mesma época mencionada, consegui verificar que muitos materiais não tinham sido mencionados nas investigações de Francisco de Assis Barbosa (1952), Beatriz Resende (2004) e Lilian Moritz Schwarcz (2010), pois tais pesquisadores ofertam uma maior atenção à biografia, contos, peças de teatro e muito pouco aos documentos pessoais do escritor carioca.

ⁱⁱⁱ O trecho escrito por Lima demonstra nítida afinidade com as ideias do escritor russo. Como demonstra suas palavras na obra *Cemitério dos Vivos*: “Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos Mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria” (BARRETO, 2010, p. 20).

^{iv} “Agora estou mesmo a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia dos teus anos. E de fato passou: nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço.”

^v Em crônica datada de 09/10/1917, publicada na Revista em Debate, denominada “*São Paulo e os Estrangeiros*”, o escritor Lima relata: “Embora fosse tenra a idade em que estava, dessa época e de umas anteriores eu tinha algumas recordações. Das festas por ocasião da passagem da Lei de 13 de maio ainda tenho vivas recordações [...]” (BARRETO, 2004, p. 288). Em outra crônica datada de 08/01/1921, publicada na revista Careta, denominada “*Mansão Olímpica*” e os “*Apelidos*”, o escritor Lima Barreto diz: “Documentarei – no que não imitarei os místicos militares que fazem do Exército o deus ex-machina do progresso político e social do Brasil; - documentarei a asserção de que a Maioridade, a Lei do Ventre Livre, Treze de Maio, o Quinze de Novembro, até o Sete de Setembro, apesar de ainda não existir o jornal, tudo isto e mais alguma coisa foram obras dos “*Apelidos*” (BARRETO, 2004, p. 290). Em outra crônica datada de 10/06/1911, publicada no suplemento A Estação Teatral, denominada “*Pintores, desenhistas, etc.*”, o escritor Lima Barreto escreve: “Outra coisa que falta em Julião é acentuação fisionômica da figura. Raramente ele obtém de acordo com a legenda. No desenho de 13 de maio, uma alegoria à Lei Áurea, a figura da negra está boa, mas a replaçante está assim suspensa, com um sorriso imbecil, que não se casa com a legenda” (BARRETO, 2004, p. 86).

^{vi} Expressão contida na palestra ofertada por Lima Barreto na cidade de Mirassol, interior de São Paulo.

vii O estudioso Álvaro Martins reforça ainda mais a maestria de Lima: “A habilidade de Lima Barreto em trabalhar com dados históricos é admirável. Em poucas linhas ele situa o leitor em uma realidade histórica rica que se esconde por trás de toda a atmosfera de mistificação que envolve o conto” (MARINS, 2004, p. 226).

viii BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

ix BARRETO, Lima. *Memórias do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

x BARRETO, Lima. *Numa e Ninfa*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

xi BARRETO, Lima. *Vida e Obra de M. J. Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

xii “A rasura é, portanto, testemunha de um processo de luto no escritor que gera consistências diferenciadas no papel. A rasura mais comum, suprimindo uma palavra ou um conjunto de palavras, cria um branco ou um vazio que está sempre preenchido, mesmo se só precisa reaproximar as palavras que o beiram, na lição seguinte; é como se os brancos não pudessem exceder o intervalo mínimo entre as palavras” (WILLEMART, 1993, p. 72). A crítica Telê Porto Ancona também corrobora para algumas reflexões. “As rasuras propõem, assim, *substituições, supressões, acréscimos*, deslocamentos, alterações da pontuação ou da divisão estrófica, correções e incongruências semânticas, a defeitos de estilo e a erros gramaticais” (ANCONA, 1990, p. 152).

xiii Sobre esse aspecto seria importante comentarmos as considerações do biógrafo Francisco de Assis Barbosa. “Os manuscritos dos romances *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* vinham permitir o reestabelecimento do texto, a sua autenticidade, em face das emendas do autor. Não foi possível localizar nem os originais de M. J. Gonzaga de Sá nem de Clara dos Anjos. Daquele extraviaram-se nas oficinas de Monteiro Lobato e Cia., que imprimiram o livro. Do segundo, a estória é ainda mais obscura. O texto foi entregue por Lima Barreto a Herbert Moses, direto da revista Sousa Cruz, que mandou compô-lo, restituindo em seguida, ao autor, para revisão. *Clara dos Anjos* só seria publicado na revista Sousa Cruz, após a morte do romancista. E o texto é um dos mais imperfeitos. Quanto ao manuscrito, o próprio Lima Barreto teria doado a Lúcio Varejão, romancista de Pernambuco com quem carteara frequentemente. Lúcio Varejão assegurou-me que recebeu o texto, enviado pelo correio, que, infelizmente, segundo seu depoimento, acabou perdendo” (BARBOSA, 1997, p. 411).

**THE ARCHIVE WRITER LIMA BARRETO IN NATIONAL LIBRARY -
THE REVELATION OF UNPUBLISHED ON SLAVERY IN BRAZIL**

Abstract: *Lima Barreto's manuscripts about the slavery in Brazil reveal some important aspects of the historic context of the time. They also contribute to show some distinct ways that may lead to the valorization of other literary works by the author. This article aims at presenting some manuscripts taken from Lima Barreto's file at the National Library (Biblioteca Nacional) in July/2011. It also raises some reflections on the importance of Barreto's work, found in the files at the National Library and that is still unpublished. In order to develop the issue of this article, I use the method of interpretation and reflection. The theoretical background present in the article aims at contributing to reveal the importance of these manuscripts for the academic field. It also contributes to enrich Lima Barreto's cultural collection.*

Key-words: *Lima Barreto. Slavery. Literature. Archives. Manuscripts. Genetic Criticism.*

Originais recebidos em: 05/05/2012

Aceito para publicação em: 26/07/2012

Publicado em: 27/08/2012